

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 6 de junho de 1902

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600



GIL VICENTE

Ha quatrocentos annos que foram lançados os alicerces do theatro portuguez por Gil Vicente, um dos vultos mais proeminentes da historia litteraria d'este paiz, e cujo nome vive fundido no bronze das glorias patrias.

Disputaram entre si, Lisboa, Guimarães e Barcellos, a gloria de ser o solo onde viu a luz do dia tão illustrado poeta, mas ficou averiguado que, segundo a opinião de illustrados escriptores, entre os quaes se conta o sr. dr. Antonio Ferraz, erudito historiographo das coisas barcellenses, o Plauto portuguez é filho de Guimarães.

Se, porém, não nos é conferida a honra de conterraneos d'esse astro rutilante da litteratura, orgulhamonos de sel-o de sua mãe Filipa Bor-

ges, em cujo regaço recebeu os primeiros lampejos da razão, aquelle que, pelas diamantinas fulgurações do seu talento, devia ter mais tarde uma indelevel consagração nas almas de todos os que presam a civilisação d'uma patria, que n'esses tempos assombrava o mundo com o grandioso das suas conquistas e o incommensuravel valor de seus filhos.

Está para breve a commemoração do 4.º centenario d'esse celebre facto, e Barcellos tambem lhe presta a sua humilde homenagem, inaugurando um theatro a que deu o nome do illustre portuguez.

BARCELLOS POR DENTRO

No dia 22 temos a inauguração do nosso theatro, salvo se surgir algum contratempo irremediavel.

O snr. dr. Lima nos formosos versos d'entrada da peça, o Arnaldo Braz n'um interessante monologo e n'umas delicadas quintilhas, o Arthur Vieira nos variados e alegres couplets, o José Marcellino no arranjo de musica viva, todos têm mostrado vontade e gôsto, não esquecendo o ensaiador Domingos Faria, e estamos esperangados que o «Barcellos por dentro» agrade ao maior numero d'espectadores.

—No proximo sabbado vão ser contractadas no Porto as actrises.

No dia 10 principiam os trabalhos de scenographia.

Quando se passa por uma pessoa de nossas relações de amizade é de uso fazer-se um cumprimento de chapen, mas tornar a collocar-o no espheroido cabelludo com a elegancia propria de quem sabe vestir um collar alto, plastron de luxo, calça bem vincada e bota finamente lustrada não é para qualquer, querendo seguir á risca a pragmatica de *A Arte Nova*, cousa de que agora muito se falla com applicação a tudo e a todos.

Eu, se não vou na vanguarda da moderna etiqueta, também não vou na rectaguarda, e desejando conhecer bem isto a que vulgarmente se chama o *Bom Tom* vi-me obrigado a pedir ensinamento a um dos das luvas, e como não faço monopolio de sciencia ahí vae em duas palhetodas o que aprendi.

Para mais facil comprehensão emprego o methodo usado com os galuchos no Campo da Feira. Assim, em sete tempos:

1.º (conta-se em voz alta um) o braço direito, descrevendo uma curva graciosa, eleva-se vagarosamente á altura da cabeça.

2.º—(conta-se dois)—A mão direita appoia-se no chapéu.

Se for coco, na aba, se for molle, na copa.

3.º—Tres—levanta-se o chapéu no sentido vertical, fazendo depois uma curva, também graciosa, horisontalmente, ficando o braço direito estendido, um pouco obliquo.

4.º—Quatro—O chapéu volta ao ponto de partida.

5.º—Cinco—Dois dedos da mão direita, o pollegar e o indicador, collocam-se na aba, o indicador por cima e o pollegar por baixo, e alternadamente, na parte anterior e posterior, dá-se um movimento ao chapéu até ficar como é exigido pelas regras da fina educação.

6.º—Seis—Sendo preciso empregam-se as duas mãos, que também auxiliam muito a distincta compostura do chapéu, uma de cada lado, acompanhando a aba e copa.

7.º—Sete—Olha-se em volta, se alguém nos observar, dirige-se-lhe um sorriso de satisfação e amabilidade.

Felinhos

... Sr. Redactor

Segundo consta, alguns habitantes do Largo do Tanque, em Barcelinhos, tentam realisar ali a tradicional festa a S. João, deslocando-o assim, do seu verdadeiro, legitimo local, que era junto da capella de N. Senhora da Ponte e no rio—os pontos mais formosos da povoação.

Agora sabem os leitores qual o motivo da festa ser levada a effeito n'outro sitio? Elle ahí vae:—

Dizem que desde que assassinaram o Gandarinha no Largo do Tanque começaram os negociantes, donos de tavernas, seus indigenas, a notar

que *as vendas* diminuiam *dia a dia*. Uma galinha pasmosa...

Constituíram se alguns individuos indigenas do tal Largo, a festejar S. João, a vér se elle os protegia, fazendo desaparecer o *enguiço* deixado pelo sangue rubro do infeliz Gandarinha...

Viva a Comissão promotora! *Cachado.*

Chronica-Versatil

Na quinta-feira passada,
Como sabem, meus leitores,
Sabiú, envolta em fulgores,
A excellente procissão
De *Corpus-Christi*, e S. Jorge
D'um lindo aspecto, guerreiro,
Lança em riste e altaneiro,
Lá fazia um figurão.

Seguia-se o S. Christovam
Engalanado, no luxo,
Co'o Menino ao carrachucho
E o vará-pau arrogante;
Sustentado por molciros
Offegantes, a suar,
Com o peso de rachar
Do tal santinho gigante.

Os petizes das escolas,
Com legendarias bandeiras,
Arrotavam *funaceiras*
De fidalgos orgulhosos.
A charanga do Patricio,
Fardada do grande gala,
Tocava em rigor *d'escala*
Uns *chegadinhos* vistosos.

Auctoridades civis,
Magistrados, escrivães,
Notarios, tabelliães,
Rudes homens, gentis damas:
Tudo na tal procissão!...
Mas... era tal a poeira,
Que eu enguli lá na feira
Só de pó, dez kilogrammas!

28-5-2

Furão

UM PUNHAPO DE MENTIRAS

No tempo que foi aqui juiz o nosso saudoso Couceiro, uma queixosa allegava que o marido lhe batia a miude.

—Mas, objecta aquelle cavalheiro, com que pretexto lhe bate elle?

—Não é com pretexto, senhor Juiz, é com uma bengala.

Ha já um bom par d'annos, quando a As-

A LAGRIMA

semblêa estava instalada na casa onde hoje reside o sr. dr. Paulino, subia as escadas em noite de *saibê*, certa senhora respeitavel.

Já no cimo d'ellas, escorregou e caiu muito desairosamente.

Ao levantar-se repara n'um sujeito que a fitava com olhar investigador e diz-lhe toda irritada:

O sr. não é um cavalheiro!

—Pelo que acabo de presenciar, tambem V. Ex.^a não é...

Encontram-se dous mancebos no andaime que corre ao longo da frontaria dos Paços do Concelho, que vinham do sorteio.

O primeiro:

—Que numero tiraste das sortes.

—Um.

—E o Felicia da Fonte de Baixo outro...

Quando o José Terrôso fez exame de instrucção primaria, perguntaram-lhe do resultado. Elle respondera:

—Os meus examinadôres acharam que andei tão bem que até me pediram *bis*.

Perguntou certa dama ao collega A. Braz a differença que havia entre ella e um relogio, ao que o nosso amigo respondeu: «Um relogio lembra as horas e ao pé de V. Ex.^a esquecem-se.»

Um anno em que prégava o Pequenininho de Rates em Manhente, tinha insignificante numero de pessoas a ouvil o. Mas como um medonho aguaceiro fizesse entrar bastante gente na igreja, disse:

—Ha muitos individuos para quem a religião serve de capa: para os que estão entrando agora, serve de guarda-chuva...

Em que se parecem as senhoras com os senhorios?

Em quererem o augmento das *rendas*.

«Aurora de Barcellos»

A «Aurora de Barcellos» rompe sempre do nascente do concelho, n'este mez ás 4.34, mais migalho mais, mais migalho menos, mas agora surgiu-nos outra que nasce na antiga rua dos Acougues, em as officinas do sr. Francisco José da Silva, com o titulo que encima esta noticia.

E' uma publicação quinzenal de formato um pouco mais arriba da «Lagrima» e d'ella transcreve gravura e artigo biographico referente a um dos nossos mais distinctos collaboradores—

o sr. dr. M. Lima, cuja transcripção agradecemos.

Fica esta terra, pois, com duas *auroras*, uma diaria e outra quinzenal.

E' um phenomeno!

O nosso estimado collega da «Folha» na sua boa campanha a respeito da Collegiada, traz a seguinte referencia ao povo de Barcellos, quanto ao modo de manifestar-se em questões patrioticas—como foi por a occasião da criação da comarca de Espozende:

«Emquanto houve dinheiro para accender o patriotismo com musicas, archotes e vinho, a *indignação* lavrou e o patriotismo rebentou em ondas de *enthusiasmo*: d'ahi o dizer-se que Barcellos só se manifesta com musicas, luminarias e vinho!»

O povo, na sua maioria, sr. redactor, andou com boa fé, na *cevalêira* da comarca de Espozende.

Agora desanimou com os maus exemplos...

Os guardas... do Burnay

Deus e o Nosso Prior nos valham, mas longe de darmos n'este *suelto* a verdadeira feição do jornalismo á pobre. á microscopica «Lagrima», fazendo-nos ceo da opinião geral que diz:

«Que o julgamento dos guardas... do Burnay teve por parte do digno delegado do Ministerio Publico uma brandura de accusação, muito propria da *brandura dos nossos costumes*, mas pouco de harmonia com os habitos de sua ex.^a—um magistrado muito sabedôr e muito reto—;

Que o jury foi sacrificado a um desideratum que não era precisamente o que estava naturalmente no animo de seus membros;

Que o tribunal offerencia dos espiritos observadôres um *tic* de eleição de deputado em que se apertam os votantes;

Que algumas testemunhas não foram para a cadeia, desde o momento em que *se desdisseram*.»

A má vontade do povo—que demais não conhecia o processo nas suas minudencias—contra os representantes da Companhia dos Tabacos, de sobejo manifesta, não deixava ver com frieza e nitidez, a imparcialidade do D. representante do M. Publico. Muito que s. ex.^a dissesse, havia de parecer pouco, comparado com aquilo que se lhe tem ouvido contra outros individuos.

A *pedinchisse* aos membros do jury, que agora pareceu exaggerada, não varia senão de typos, porque é de costume em todos os julgamentos.

As testemunhas, por via de regra, a questão é muitas vezes de vinho e poucas de dinheiro, costumam amansar pacificamente no dia de julgamento.

*

A gente não vale a pena ralar-se... Isto bate tudo certo...

A mulher do assassinado, casou segundo nos dizem, não ha muito, para apagar as lagrimas da viuvez nos laços do hymineu.

A familia do morto, mal appareceu ahi.

O sógro da victima surgiu-nos a dizer cousas macias como velludo, que até parecia que estava comprado.

*

Até aqui diziamos que a Companhia dos Tabacos mandava matar o povo por elle fabricar lumes de pau e vendel-os, e nós deviamos matar—como compensação—os representantes da Companhia, por ella não apresentar á venda esses lumes, como é de contracto.

Agora mudamos de opinião. Matem vocês, seus galfarros, o povo, por elle sêr tão bruto, coitado!

O Chiteiro não é só valente como as armas, é tambem um valente chuchador...

Na ultima semana convidou o Praina, o João Esteves, o Frederico e o Francisco da «Folha» para irem com elle comer mé... á sua casa, em Abbade do Neiva.

Para que o Chucho dêsse sorte, um dos da *troupe* fez-lhe sentir que o Chiteiro fez convites para uma taina e que o excluira, sendo amigo seu. E o resultado foi certo, porque o Miranda deu por paus e por pedras, enquanto o Praina ia fretando o *landó* do Serafim e o chiteiro prevenia os amigos que levassem trigo, pois que podia não havel-o á venda na freguesia.

Pósto em marcha, estalou o chicóte do cocheiro e estalaram as gargalhadas da bella sucia.

O carro feria lume pela estrada, tal a rapidez com que demandava a antiga abbadia de Neiva e... para adiantar caminho ia adiante, a pé, o Chiteiro, para que a meza estivesse posta e nada faltasse aos convivas...

*

Eis o que se passou:

Todos tiraram o chapéu em casa do Chiteiro e todos se assentaram á meza que lhes foi indicada. Pozeram o trigo na alva toalha.

O dono da casa foi logo d'uma amabilidade com os taineiros. Rapidamente desceu á adega

e trouxe grande canécario de rascante, exclamando:

—Vão mastigando e bebendo vinho. Eu, vou fallar com a mãe.

E foi logo, para voltar breve Quando chegou (de ir buscar o mé...) o Praina perguntou logo:

—E' o anho?

—Esperem um bocado, acudiu o Chiteiro.

D'ahi a pouco appareceu a mãe e foi assim que fallou:

—Se queres mais vinho tóma lá a chave, porque eu quero sair.

N'esta altura já o trigo e vinho estavam mamados e nada de mé...

—Então isso vêm ou não? interroga o Frederico, que come tanto como dez carreteiros.

E o Chiteiro:

—Cõnam e calem... Olhem que oveiha que bale, bocado perde.

.....

E nada de vir mé—e não veio.

*

O Chucho agora é que os chucha...

COUSAS COM QUE EU EMBIRRO

Com a minha Joanna;
com o *reductor* quiquinho da «Aurora de Barcellos»;

com o *Parida* da outra;
com os *cachinhos* da Roza;
com uma menina do Campo de S. José que, sempre que alli passo, me pisca os olhos, apesar de velho e feio;

com as dôres de cabeça;
com as mulheres e...
com a minha pessoa.

K. Tarro.

O nosso amigo Francisco Carmona tem um marçano cognominado Nhó-nhó, que nos fez o favor de mandar os versos seguintes:

«Burros e cavallos
Sem se poder manejar
Com espadas e duelos,
Bestas de bom marchar.»

Por isto se vê que Barcellos progrida.

Da pouca idade que tem o poeta, não se pôde esperar mais...

Se a quadra tivesse inspiração e metrificacão, lá da grammatica está bem uma *pezzigula*...